

# THREE GUINEASE A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA: REVISÃO E RELEITURA

Maria Aparecida de Oliveira (UNESP)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo realizar uma leitura do ensaio *Three Guineas* a partir da crítica literária feminista no intuito de compreender como o sentido do texto de Virginia Woolf foi reconstruído nas últimas décadas. Pretende-se investigar como a crítica literária feminista atual tem feito uma revisão e uma releitura da obra da escritora e como Woolf ela mesma foi reinventada por tal crítica. Para tanto, a abordagem teórica concentra-se em autoras como Naomi Black (2004), Barbara Hill Rigney (1978), Krista Ratcliffe (1993), Teresa Winterhalter (2003), entre outros.

**Palavras-chave:** Virginia Woolf; *Three Guineas*; Crítica literária feminista; Revisão.

A obra de Virginia Woolf tem sido foco de interesse da crítica literária, sendo estudada sob diferentes perspectivas, tais como a marxista, a feminista, a histórica e a psicanalítica. Por conta de todas essas apropriações, Virginia Woolf tornou-se uma figura histórica e contemporânea. Woolf é considerada uma das pioneiras da teoria “reader-response”, pois estava interessada no diálogo de mão-dupla que se estabelece entre leitores e escritores. Hermione Lee (2010) a esse respeito diz que os livros mudam seus leitores, ensinando-os como devem ser lidos, mas que também leitores mudam seus escritores. Os livros mudam à medida que são lidos, re-lidos, portanto, os leitores devem estar conscientes de seu papel, não como indivíduos isolados, mas como partes de uma longa sucessão de leitores no processo de recriação das obras literárias.

Nesse diálogo entre Woolf e seus leitores, uma grande variedade de diferentes Woolfs surgiram, assim como muitos aspectos de sua obra que haviam sido ignorados até então. Não que seus ensaios e seu jornalismo tenham sido completamente ignorados, mas a crítica recente tem lido esses ensaios de diversas

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara. Currently a Visiting Scholar at the University of Winnipeg. E-mail: [mariaaoliv@yahoo.com](mailto:mariaaoliv@yahoo.com).

maneiras, possibilitando novos olhares à obra da escritora e ressuscitando diferentes Woolfs, que não haviam sido vislumbradas até o momento.

Mais recentemente, o crescente interesse na história de seus ensaios preocupase em investigar a relação de seus romances com o pensamento da escritora sobre a mulher, política e sociedade. A crítica tem revisto o pensamento de Woolf a partir de uma variada gama de assuntos, tudo isso combinado com um novo mapeamento de seus escritos, o que redireciona o foco de interesse na escritora e abre infinitas possibilidades para os Estudos Woolfianos.

Essas novas perspectivas estão sendo utilizadas como abordagens ideológicas ou como dados de pano de fundo para seus romances, o que demonstra agora um interesse nas estratégias de escrita, nos processos de pensamento, nas texturas e tessituras dos próprios ensaios em relação aos romances. Seus ensaios estão sendo relidos como partes cruciais na grande rede de complexidade da obra de Woolf, entre seus romances, contos, diários, cartas, revisões de livros, esboços, ensaios, ensaios-contos, ensaios-romances. Ou seja, uma grande rede de conexões e interrelações que somente agora estão começando a ser compreendidas na sua totalidade.

Hermione Lee (2010) percebe que as estratégias anti-autoritárias de Virginia Woolf em seus ensaios estão intimamente relacionadas às suas aspirações por uma comunidade literária mais democrática e seu desejo por um modo de comunicação mais compartilhado entre leitores e escritores, como propõe Woolf em *The Common Reader* e em *How One Should Read a Book*, mas levaram algum tempo para serem reconhecidos.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo investigar de que maneira *Three Guineas* tem sido reconstruído pela crítica literária feminista. Além disso, será discutido aqui como Woolf tem sido apropriada pelo feminismo e quais seriam as consequências dessa apropriação para o futuro da crítica feminista.

É importante lembrar que *Three Guineas* foi concebido como uma sequência de *A Room of One's Own*. Contudo, o processo de elaboração foi longo e árduo. Virginia Woolf estava tentando desenvolver uma nova forma literária, a qual ela denominou "romance-ensaio", em que ela poderia simultaneamente trabalhar tanto as questões políticas, quanto estéticas. A princípio, o livro, intitulado *The Pargiters*, alternava cenas de ficção com comentários e análises históricas e deveria abordar a evolução de uma família da classe média de 1880 aos dias atuais. No entanto, mais tarde Woolf decide separar o ensaio do romance. Publicado em 1937, *The Years* tornou-se um *best-seller*, já *Three Guineas*, publicado em 1938, recebe várias críticas e causa diversas polêmicas.

Virginia Woolf em *Three Guineas* procura responder a questão que foi lançada a ela sobre como se pode evitar a guerra. Em sua longa resposta Virginia Woolf dedica ironicamente três simbólicas moedas a diferentes causas: 1) Construção de faculdades para mulheres; 2) Organizações que ajudam o ingresso feminino nas mais variadas profissões; 3) Associações que combatam a guerra.

Na verdade, os três argumentos estão conectados, já que a educação, a independência feminina e o conseqüente ingresso na esfera pública fariam com que as mulheres participassem das questões políticas e poderiam de algum modo

contribuir de forma favorável para evitar a guerra. Ela começa seu argumento dizendo que a educação faz uma grande diferença neste contexto, juntamente com algum conhecimento sobre política, relações internacionais, economia, filosofia, teologia e psicologia.

Ao afirmar que “in fact, as a woman, I have no country. As a woman I want no country. As a woman my country is the whole world<sup>2</sup>”, Woolf (1993) está propondo o começo de uma revisão histórica e cultural, opondo-se ao discurso nacionalista e à tirania da sociedade patriarcal, ela sugere uma visão de mundo que nos liberta do desejo de posse e de dominação sobre o outro, além de oferecer uma política feminista pacifista bastante revolucionária. Por isso, ela dedica a última moeda em nome dos direitos de todos os homens e de todas as mulheres, em respeito a todas as pessoas de grandes princípios como justiça, igualdade e liberdade.

Michelle Barret (1993), na introdução de *Three Guineas*, nos lembra de forma brilhante que o manuscrito do livro, tão odiado e tão criticado, foi vendido para levantar fundos para os refugiados da guerra civil espanhola, o destino que teve *Three Guineas* foi louvável e isso o torna muito mais poderoso e significativo, pois de uma forma bem efetiva ele responde à questão de Woolf no começo de seu ensaio, se ela não contribuiu para evitar a guerra, pelo menos pôde fazer algo efetivo para aliviar suas consequências.

### *Three Guineas* e a crítica literária feminista

A crítica literária feminista será utilizada aqui para demonstrar como o texto *Three Guineas* de Virginia Woolf tem sido revisto, relido e reconfigurado nas últimas décadas. Tal crítica nos permite refletir sobre novas formas de se pensar a linguagem e o gênero, ou talvez o próprio gênero da linguagem e, também, nos leva a questionar a lógica dominante da sociedade patriarcal, observando como a mulher tem sido aprisionada no texto masculino e qual seu lugar fora dele.

A crítica literária feminista tem insistido na ideia da revisão, isto é, rever o passado com outros olhos, reescrever a história literária para preencher as lacunas, os espaços de silêncio, a ausência feminina das diversas antologias. Para muitas escritoras, tal projeto representa mais do que uma página reescrita, mas seria mais um ato de sobrevivência e permanência na história literária.

Adrienne Rich (1972) em seu texto “When We Dead Awaken: writing as Revision” aborda exatamente essa questão da (re)visão como processo de auto-consciência e diz que a crítica feminista nos oferece uma pista sobre como vivemos, como as mulheres foram conduzidas a refletir sobre a própria imagem nos textos literários e como a linguagem por muito tempo as aprisionou, mas também, as liberou, a partir do momento que se tornaram conscientes do conceito de identidade sexual. No entanto, para as escritoras há ainda um desafio e uma promessa de uma

---

<sup>2</sup> Na verdade, como mulher, eu não possuo pátria. Como mulher, eu não quero pátria. Como mulher, meu país é o mundo inteiro. (Tradução minha)

nova geografia psíquica a ser explorada. Mas, há também uma difícil e perigosa trilha para encontrar a linguagem e as imagens para essa consciência que está sendo despertada.

Na mesma direção Krista Ratcliffe (1993), em seu artigo "A rhetoric of textual feminism. (Re)reading the emotional in Virginia Woolf's *Three Guineas*", considera que a retórica textual do feminismo implica em uma análise contextualizada das estratégias textuais no processo crítico de leitura e escrita, ou releitura e reescrita, que envolve uma crítica do texto a partir dos termos sexuais e de gênero. Tal retórica propõe uma reconstrução do sentido, levando em consideração diferentes espaços, agentes e contextos culturais. Além de localizar o sentido naquele determinado contexto, uma retórica feminista localiza o significado em diversas possibilidades de intersecções de texto, contexto, escritor e leitor. Sobretudo, nos lembra Ratcliffe (1993), o feminismo não pode ser visto como uma teoria estática, totalizadora, mas sim como um processo em que feministas são sujeitos em processo constante de transformação e construção, em um processo de leitura e escrita, releitura e reescrita.

Ambas, Rich (1972) e Ratcliffe (1993) compreendem o feminismo como um processo em transformação e em construção, ambas chamam a atenção para uma auto-consciência seja em relação à linguagem ou à imagem feminina veiculada nos textos e na mídia em geral. Embora, muitos proclamam o fim do feminismo, há ainda muito a ser realizado nesse processo de conscientização, ação e transformação das relações sociais e do papel da mulher na sociedade.

É muito conveniente da nossa parte analisar o texto de Woolf sob este ponto-de-vista, assim, muitos de seus argumentos nos parecem óbvios e extremamente relevantes. Contudo, *Three Guineas* foi mal compreendido por sua própria geração, além de haver uma cegueira que é própria de cada época. Assim como é difícil para nós nos enxergarmos dentro da nebulosa que é o pós-modernismo, o feminismo de Woolf estava carregado por uma visão bastante preconceituosa e por outras questões políticas e sociais bastante complexas que não podiam ser desvendadas facilmente. Woolf estava certa quando dizia que a própria palavra "feminismo" estava desgastada e que precisaria ser re-significada.

Os contemporâneos de Woolf não conseguiam ou não queriam ver o modo como ela responde aos exemplos mais visíveis dos danos da sociedade patriarcal e à tradição feminista de seu tempo. Eles acreditavam que a batalha por igualdade encerrava-se com o direito feminino ao voto e já que as mulheres estavam visivelmente ingressando no mundo das profissões. Ademais, eles não conseguiam compreender as conexões entre pacifismo e feminismo.

Além disso, devemos lembrar que Woolf estava propondo uma nova forma, tanto com relação ao romance, quanto ao ensaio. Se T. S. Eliot, um escritor renomado e consagrado, encontra resistência por parte dos leitores, em adentrar um texto poético repleto de notas, para Woolf essa resistência era multiplicada. As sessenta páginas de notas no final do livro refletem o processo de escrita e elaboração do ensaio, além de embasar seus argumentos, oferecem ao leitor um vasto panorama sobre o contexto histórico da época. Contudo, elas acabam por dificultar a leitura e aumentam a resistência do leitor. Há vários estudos que contemplam as notas de

*Three Guineas*, dentre eles *Virginia Woolf's Reading Books* (1983) de Brenda Silver em que ela analisa o método utilizado por Woolf para coletar dados para seus argumentos e ilustra a elaboração e o processo de escrita.

Naomi Black (2004) em seu livro *Virginia Woolf as a feminist* afirma que *Three Guineas* é um trabalho essencialmente feminista, cujas atitudes anti-bélicas não podem ser desvinculadas do ataque de Woolf à dominação e aos privilégios masculinos. A autora procura enfatizar a associação de Woolf com relação à guerra e à estrutura patriarcal de dominação, agressão, hierarquia e de *status* cultural que os adorna e santifica. Desse modo, militarismo e guerra são necessariamente os resultados da sociedade patriarcal.

Black (2004) procura demonstrar como *Three Guineas* foi completamente mal compreendido pelos contemporâneos de Woolf, assim, ela busca ilustrar a consistência e coerência dos argumentos particulares de Virginia Woolf e, como ainda hoje, eles são extremamente válidos, desde que democratização, educação, atividades profissionais públicas ainda representam um programa de transformações políticas, levando em consideração nosso contexto global.

Dentre as várias formas de feminismo – liberal, marxista, socialista, anarquista – Black (2004) identifica o feminismo de Woolf como o feminismo social, baseado nas diferenças, que provém da experiência e das características distintas femininas. O objetivo é mais do que a igualdade ou o tratamento igualitário, Woolf pertence ao feminismo social devido à sua valorização por uma civilização feminina, visando à transformação política e social. Woolf em *Three Guineas* exige o total acesso das mulheres aos direitos políticos, econômicos, sociais, educacionais e profissionais para promover reformas utilizando a história e a experiência feminina como base para reconstruir um mundo que seria dividido por todos seres humanos de forma mais justa. Nesse caso, ele ainda é muito relevante atualmente, pois chama a atenção para as relações entre o mundo público e suas estruturas de dominação.

Black (2004) reconhece que Woolf utiliza dois argumentos que contribuem para o distanciamento de seu público não-feminista, e mesmo, feminista. Primeiramente, Woolf argumenta que mesmo o sistema liberal da Inglaterra era tirânico com relação ao tratamento dado à mulher. Além disso, ela acrescenta um outro argumento que, ainda hoje, não é muito aceito, quando diz que as estruturas públicas de dominação e opressão podem ser mais bem combatidas pela eliminação das instituições privadas. Para Woolf, a guerra e outros horrores da esfera pública estavam de certo modo relacionados à opressão e a submissão feminina.

Na verdade, *Three Guineas* tem sido amplamente criticado mais pelo seu tom, do que pelos seus argumentos. Embora, o tom seja extremamente controlado pela autora e seus argumentos cuidadosamente pensados, bem-elaborados e referenciados nas notas finais, percebe-se que a crítica, principalmente masculina, associa o tom do ensaio ao tom do movimento feminista da época, por isso nega a autoridade narrativa e a própria autora, sem de fato ouvir os argumentos impressos nele. Por isso, se faz necessária a releitura da crítica feminista que analisa o discurso woolfiano procurando levar em conta o contexto cultural e os agentes envolvidos no discurso dominante da época.

Barbara Hill Rigney (1978), em *Madness and sexual politics in the feminist novel*, nos lembra que E.M. Forster considerava *Three Guineas* como “an expression of angry”, e que o feminismo de Woolf estava fora de moda, contudo, Forster avaliou atitude de Woolf em relação à sociedade de forma precisa. Para ele, Woolf estava certa quando dizia que a sociedade era patriarcal e que as principais atividades masculinas eram o militarismo, a reprodução de dinheiro, as ordens e a importância aos uniformes e que nenhuma dessas ocupações eram admiráveis.

Rigney (1978) enfatiza que em *Three Guineas* o mundo público reflete o mundo privado e que o sistema que aprova a tirania de mulheres em casa também aprovaria a tirania da humanidade em geral. Herbert Marder (1988), assim como Rigney, em “Virginia Woolf’s conversion: *Three Guineas*, *Pointz Hall* and *Between the acts*”, entende que as esferas públicas e privadas deveriam estar conectadas, assim como homens e mulheres deveriam estar conectados, lembrando do projeto de androginia que Woolf expressa em *A Room of One’s Own*.

Em seu projeto sobre androginia, Woolf acreditava que o escritor deveria ter sua mente fertilizada pela criatividade feminina, pois sem as imposições patriarcais e sem as restrições econômicas e sociais a mulher poderia oferecer sua contribuição artística, social e cultural, da qual a própria sociedade patriarcal necessitava. À medida que a diferença entre os sexos diminui, a arte mostraria sinais de maior liberdade e, conseqüentemente, maior criatividade. Pois, a emancipação feminina proporcionaria uma sexualidade mais adequada e, também, uma imaginação mais apropriada marcada pela androginia.

Retoma-se aqui a posição de Krista Ratcliffe (1993), em seu artigo mencionado anteriormente, no qual ela se refere à importância de reler *Three Guineas* evitando os estereótipos que têm sido atribuídos a ele, lembrando que o livro tem sido criticado por ser permeado pelos sentimentos emocionais, entre eles a ira. A esse respeito, Adrienne Rich (1972), no mesmo texto citado anteriormente, fala da sua impressão ao ter lido *A Room of One’s Own*, que cabe muito bem a *Three Guineas*:

And I recognized that tone. I had heard it often enough, in myself and in other women. It is the tone of a woman almost in touch with her anger, who is determined not to appear angry, who is willing herself to be calm, detached, and even charming in a roomful of men where things have been said, which are attacks on her very integrity. Virginia Woolf is addressing an audience of women, but she is acutely conscious-as she always was-of being over-heard by men: by Morgan and Lytton and Maynard Keynes and for that matter by her father, Leslie Stephen. She drew the language out into an exacerbated thread in her determination to have her own sensibility yet protect it from those masculine presences. Only at rare moments in that essay do you hear the passion in her voice; she was trying to sound as cool as Jane Austen, as Olympian as Shakespeare, because that is the way the men of the culture thought a writer should sound.<sup>3</sup> (Rich 1972: 4)

<sup>3</sup> E eu reconheci aquele tom. Eu o ouço frequentemente, em mim mesma e em outras mulheres. É o tom de uma mulher quase em contato com a própria raiva, determinada a não aparecer irada, disposta

Rich (1972) comenta que os homens, ao contrário das mulheres, nunca escrevem pensando na crítica feminina ou feminista, quando ele escolhe seus materiais, seus temas ou linguagem. As mulheres, em oposição, sempre escrevem pensando na crítica masculina, mesmo quando se dirigem a um público estritamente feminino, como no caso de Woolf.

Ainda sobre o mesmo assunto, Alex Zwerdling (1983) em seu texto "Anger and Conciliation in Woolf's Feminism" comenta exatamente sobre a forma como Woolf procura conciliar a expressão da indignação ou ira com relação à submissão feminina e o seu público masculino que ela jamais poderia ignorar. Zwerdling nota, assim como Rich e outras feministas, que Woolf assume duas estratégias como forma de expressão, uma que é direta, passional e áspera e a outra que é irônica, distanciada e extremamente controlada.

Zwerdling (1983), com seu olhar refinado ao texto de Woolf, percebe que ela cria seu leitor masculino desde o início quando decide responder sua carta, seu suposto "leitor" seria o homem liberal que mantém certa simpatia para com o movimento feminista, este seria seu principal público-alvo.

Woolf afirma em *Professions for women* que os homens também deveriam emancipar-se, isto é, deveriam libertar-se do peso e da tirania da sociedade patriarcal. O leitor ideal construído pela escritora é também ideal para o feminismo, pois ele compreende as necessidades do movimento, pode contribuir para que as mudanças ocorram sem se sentir ameaçado, pois sabe que seu próprio papel será alterado.

Levando em conta essas mudanças dos papéis tradicionais que ocorriam no próprio grupo Bloomsbury, Woolf estava consciente a respeito de seu tom irônico e do controle sobre seu público masculino. Ela deveria ser direta, mas também deveria manter seu leitor interessado em seu texto, pois ela sabia que não podia irritá-lo demais com a sua ironia, a ponto que ele desistisse da leitura. Com relação a essa auto-consciência Zwerdling afirma que:

Woolf never stops being sensitive to masculine criticism of her feminist writings. At the same time, however, she becomes increasingly dismissive about men's disapproval and steadily more willing to meet it. In writing *Three Guineas*, she faces the fact that she will need real courage to attack the

---

a transparecer calma, distanciada e mesmo, encantadora, em uma sala repleta de homens, onde coisas serão ditas, ataques à sua própria integridade. Virginia Woolf está dirigindo-se a um público feminino, mas ela estava extremamente consciente – como sempre esteve – de ser ouvida pelo público masculino: Morgan e Lytton e Maynard Keynes e, inclusive, pelo seu próprio pai, Leslie Stephen. Ela delinea a linguagem em um fio exarcebado na sua determinação em manter sua própria sensibilidade ainda protegida daquelas presenças masculinas. Somente em raros momentos naquele ensaio, você ouve a paixão em sua voz; ela estava tentando soar calma como Jane Austen, Olympian como Shakespeare, porque este é o modo como os homens de cultura achavam que um escritor deveria soar. (Rich 1972: 4)

entrenched positions that are the book's targets. When the men in her circle discuss the futility of pacifism, the inevitability of war, she becomes firmly convinced of the need to examine their attitudes from her own detached point of view. What had begun as a helpless fear of male authority had gradually turned into a sceptical and highly critical perspective on it. But of course she could not afford to ignore masculine culture, the realities of power being what they were.<sup>4</sup> (Zwerdling 1983: 13)

Woolf sabia que não podia ignorar seu público masculino, por isso ela partia da própria linguagem masculina, assumindo seus métodos de persuasão e um discurso acadêmico, em que seus argumentos estão embasados com citações e notas de rodapé. Woolf em muitos de seus ensaios, incluindo *A Room of One's Own* questiona como a escritora deve lidar com os padrões, a mulher deve experimentar as formas aceitas, mas deve evitar o excesso e criar outras formas mais adequadas. Primeiro, as mulheres devem localizar-se dentro da linguagem patriarcal, que constitui o âmbito simbólico da cultura "falocêntrica", mas ao mesmo tempo ela deve construir uma posição de sujeito, abrindo seu próprio espaço cultural. Novas formas devem emergir das formas tradicionais, uma vez que é impossível escapar da cultura "falocêntrica", é necessário subvertê-la a partir de dentro.

É importante notar que o texto de Woolf de forma alguma reflete ou reforça a lógica dominante ou o discurso dominante da nossa cultura "falocêntrica", ao contrário, ela situa-se dentro dele para implodir essa lógica, subvertê-la no sentido de nos fazer questionar quão ilógica e *nonsense* ela nos parece. Principalmente quando observamos a fotografia que Woolf descrevia com as casas arruinadas e os corpos dilacerados, ou seja, toda vez que observamos o quadro *Guernica* de Picasso nos lembramos do quão irracional o ser humano pode ser.

Teresa Winterhalter (2003), em "What else can I do but write? Discursive, disruption and the ethics of style in Virginia Woolf's *Three Guineas*", apresenta ao leitor uma posição bastante interessante em relação ao estilo de Woolf. Apesar de *Three Guineas* ter sido um texto bastante criticado pela sua retórica, a autora procura partir dela para revê-lo. Muitos críticos têm sugerido que as manipulações retóricas de Virginia Woolf tem como objetivo produzir um efeito político bem particular: 1) controlar o tom energético do texto; 2) abrandar o radicalismo de sua crítica; 3) demonstrar as semelhanças entre a discriminação contra as mulheres e o sacrifício

---

<sup>4</sup>Woolf nunca deixou de ser sensível à crítica masculina de sua escrita feminista. Ao mesmo tempo, no entanto, à medida que ela se torna progressivamente indiferente à desaprovção masculina, gradualmente, ela estava mais disposta a enfrentá-la. Ao escrever *Three Guineas*, ela encara o fato de que ela precisará de verdadeira coragem para atacar as posições fixas que são os alvos do livro. Quando os homens de seu círculo discutem a futilidade do pacifismo, a inevitabilidade da guerra, decididamente ela convence-se da necessidade de examinar a atitude deles a partir de seu ponto-de-vista distanciado. O que teria começado como um medo inútil da autoridade masculina, aos poucos transformou-se em uma perspectiva extremamente crítica e céptica. Mas, é claro que ela não poderia ignorar a cultura masculina, as realidades de poder sendo como eram. (Zwerdling 1983: 13)

religioso; 4) produzir sarcasmo e desdém como meio de imitar e desafiar o discurso masculino.

Contudo, Winterhalter (2003) considera que *Three Guineas* revela várias camadas interligadas de diferentes vozes, uma mudança de identidades narrativas e uma argumentação muitas vezes intrincada que complica tais conceitualizações univalentes da estratégia retórica de Virginia Woolf. Para ela, a autoridade narrativa é muito fragmentada e representa o modo de narrativa perceptivo que Woolf deve incorporar para construir seu argumento de como prevenir a guerra.

Winterhalter (2003) acredita que quando Woolf rompe as frases e as sequências das convenções, ela está de fato dissimulando a “female sentence” que ela se refere em *A Room of One's Own*. Na mesma direção, Pamela L. Caughie, citada por Winterhalter, argumenta que as frases quebradas de Woolf revolucionam a força retórica ao ponto que ela apresenta um desafio à ordem tirânica. Winterhalter conclui que o estilo de Woolf oferece um desafio a buscar uma nova relação entre narrativa e política. Assim, ela também sugere que as inovações artísticas de Woolf redirecionam nossa compreensão das relações entre as superfícies narrativas e as bases políticas, mas também denotam os pressupostos linguísticos da sua ética feminista.

As rupturas com as convenções literárias demonstram como uma estética que emerge do processo de escrita nos permite escapar da armadilha de compreender o referencial como o uso primário da linguagem e a representação como função primária da narrativa. A autora observa que a ruptura com as convenções aliada a uma técnica de manipulação retórica na qual muda a sua súplica para um mundo pacifista que vai além de uma mera plataforma social, alcançando uma prosa que beira a performance e enfatiza a ética de descentralizar o poder da autoridade. Desse modo, seu estilo não é apenas uma característica de expressão, mas o próprio motivo da escrita.

O argumento principal de Woolf seria como estabelecer a ponte entre o mundo privado e o mundo da vida pública, ela constrói a analogia entre as esferas políticas e da sociedade patriarcal, denunciando as tiranias aparentes na educação, na religião e no governo. Ela previne o leitor dos perigos de tais ditadores como Hitler e Mussolini, que estavam presentes no próprio coração da Inglaterra, levantando suas cabeças e espalhando seu veneno.

Woolf em seu texto percebe que o capitalismo, o imperialismo britânico e as instituições privadas e públicas da sociedade patriarcal, bem como as identificações de algumas mulheres com os valores patriarcais estariam todos implicados, a partir do momento que estavam sendo construídos sobre os mesmos desejos de dominação sobre o outro.

Ao subverter a linguagem e os padrões aceitos, Woolf propõe um ato significativo de uma rebelião engajada contra as práticas linguísticas que estão aliadas às formas de totalitarismo. Winterhalter (2003) demonstra como Woolf manipula a voz autorial para explorar a relação entre a autoridade narrativa e política. Para evitar a convenção literária, ela assume três vozes narrativas: 1) uma voz deliberadamente polêmica; 2) aquela que imita o discurso masculino; 3) uma voz que fala em nome da decência humana.

É interessante notar a trajetória de Virginia Woolf, inicialmente, ela invade o mundo patriarcal, conquistando o território masculino e retornando com suas recompensas para dividir com outras mulheres. Woolf rompe com a linguagem dominante para, finalmente, alcançar uma voz apropriada. Pode-se ainda aproximar a trajetória de Woolf à própria estrutura de *Three Guineas*, ela parte do feminismo para falar da exclusão feminina do mundo público, em seguida ela amplia seu foco para demonstrar como a tirania da sociedade patriarcal, levada a um grau máximo poderia atingir a ambos os sexos de maneira extremamente destrutiva para toda a humanidade. Por último, ela busca reafirmar valores como justiça, igualdade e liberdade fazendo valer os direitos de todos os indivíduos.

### A apropriação da figura de Virginia Woolf pelo feminismo

Partindo exatamente da trajetória de Woolf, Bette London (1991) discute a apropriação da figura de Virginia Woolf em seu ensaio “Guerrilha in Petticoat or San-culotte?”, aliando tal apropriação ao futuro da crítica feminista. De forma bilhante, ela fornece ao leitor uma nova perspectiva em toda essa discussão que é refletir sobre o modo como nos apropriamos de Woolf, estamos olhando para o passado para construir essa “matrilineagem literária”, que era um dos objetivos de Woolf em *A Room of One's Own*, recuperar a tradição literária feminina.

Esse tem sido o objetivo da crítica feminista, que seguindo a trilha aberta por Virginia Woolf, tem retomado seu trabalho, como se pode ver em Gubar e Gilbert (2000), Ellen Moers (1976), Carolyn Heilbrun (1993), Jane Marcus (1988), Lousie DeSalvo (1989) e mesmo Elaine Showalter (1977), ainda que a considere como traidora do movimento. Contudo, precisamos lembrar que ao refletirmos sobre a tradição literária feminina, tendo Woolf como inspiração primordial, esse olhar só será válido a partir do momento que estivermos refletindo sobre os caminhos que definirão o futuro do feminismo ou então trata-se apenas de “necrofilia” literária.

Apesar de seu sobrinho Quentin Bell (1972) ter escrito que Virginia Woolf não era feminista, nem tampouco uma figura política, muitos pesquisadores tem encontrado em seu arquivo, abundantes evidências do feminismo de Woolf contra a sociedade patriarcal em que ela vivia. Um projeto que combina uma política revolucionária, a presença autorial e o processo estético certamente levará em conta sua escrita e seu discurso feminista.

Toril Moi (2006) observa que a Virginia Woolf revolucionária, principalmente aquela criada por Jane Marcus (1988), é produzida de forma bastante tradicional, pela herança crítica, pela investigação biográfica, textual, documental, historicismo e estudos de fonte. Esta Virginia Woolf descoberta por materiais históricos tornou-se aquela adequada à crítica pela necessidade de uma feminista radical.

A imagem que Jane Marcus (1988) defende de Woolf é aquela de um soldado num campo de batalha, cujo objetivo seria conduzir outras mulheres soldados a cruzar este difícil território. O que é uma imagem bastante contraditória, se pensarmos em *Three Guineas*, o quão anti-militarista ela era. Gilbert e Gubar (1988),

assim como Moi (2006), ao recuperar a imagem de Woolf como feminista, trazem o feminismo francês para iluminar uma diferente compreensão do conceito de “female sentence” mencionado por Virginia Woolf em *A Room of One's Own*. Mas, as autoras consideram as palavras de Cixous e Irigaray imoderadamente teórica e, em seus esforços para elaborar uma linguagem propriamente feminina. No entanto, Gilbert acha que dificilmente tais ideias possam iluminar a escrita de Woolf.

London (1991) afirma que a observação de Virginia Woolf em *A room of one's own* de que “we think back through our mothers if we are women<sup>5</sup>” tem levantado muita polêmica na crítica feminista contemporânea, já que funciona como uma figura retórica bastante evidente ao proporcionar um modelo e, ao mesmo tempo, inspiração para um trabalho de recuperação para uma nova crítica literária feminista. Jane Marcus (1988) transformou essa frase em um *slogan* para seu próprio trabalho sobre Woolf, como se pode notar no título de seu ensaio “Thinking Back Through Our Mothers”.

O mesmo ocorre no trabalho de Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000), pois na busca de se recuperar uma tradição literária feminina, tanto em *Madwoman in the attic*, quanto em *Norton Anthology of Literature by women* e, em *No man's Land* as autoras têm reconhecido e prestado um tributo monumental à obra de Virginia Woolf.

Embora, Elaine Showalter (1977) tenha criticado severamente *A room of one's own*, percebe-se que ela usa a ideia de Woolf em uma tentativa de reconstruir uma tradição literária feminina, nota-se pelo próprio título *A literature of their own*, que Showalter também está criando uma matrilineagem literária, embora ela mencione que o seu título deve-se a John Stuart Mill, sem mencionar Woolf.

Quando Jane Marcus (1988) reconhece Woolf como “the mother of us all<sup>6</sup>”, entendemos que a figura de Virginia Woolf como referência para a crítica feminista tem causado diversas polêmicas. Para Showalter, contraditoriamente, ela aparece com uma “bad mother”, mais próxima do anjo-do-lar que traiu o movimento feminista, pois ela considera seu projeto de androgínia, mais como uma fuga, do que uma afirmação do movimento feminista.

Para Carolyn G. Heilburn (1993), na mesma direção de Jane Marcus, Woolf aparece, ainda que implicitamente, como a “good mother”, e ela considera que movimento em direção à androgínia como uma das alternativas para o movimento feminista, oferecendo outras possibilidades em relação à rigidez dos papéis pré-determinados. Já para Gilbert and Gubar, Woolf seria a “mother muse” em *Madwoman in the attic*, assim como em *Literary Women* de Ellen Moers (1976), ou ainda em *Shakespeare's sisters*, cujo título declara explicitamente sua matrilineagem.

Lousie DeSalvo (1989) entende o projeto de Woolf em reconstruir a imagem de Judith Shakespeare, como uma busca épica para uma “mythic mother muse<sup>7</sup>”, nesse

<sup>5</sup> “Nós refletimos por meio de nossas mães, se somos mulheres”. (Tradução minha)

<sup>6</sup> “a mãe de todas nós”. (Tradução minha)

<sup>7</sup> “musa mãe mítica”. (Tradução minha)

caso, Woolf seria a própria Judith Shakespeare, “a sister of us all<sup>8</sup>” mas que diferente dela, que não escreveu uma simples palavra, ela imprime sua marca na literatura e na história, consagrando-se como uma grande escritora.

Sobretudo, London (1991) questiona que ao ressuscitar a imagem de Virginia Woolf como mãe do feminismo, ela nos faz refletir que tipo de laços estamos estabelecendo nessa relação, somos Woolf’s sisters? Até que ponto queremos ou precisamos desse laço? E ainda, a que interesses estamos servindo com este investimento necrófilo? Ou que papel nos resta que não o de filhas ou irmãs da nossa grande predecessora?

O que a intriga é que ao nos voltarmos para nossas mães literárias, nós estamos voltando ao passado e não em direção ao futuro. Levando essa posição em consideração, devemos considerar Woolf como uma representante da trilha, alguém que abriu caminho desse “território selvagem”, nesse sentido, podemos considerá-la como “a mother of us all”, como menciona Jane Marcus, contudo, devemos pensar em novas trilhas e novos rumos para o movimento feminista, pois muitas das questões reinvidicadas pelo movimento já foram solucionadas, mas outras foram surgindo. Resta-nos construir a ponte para a trilha do futuro, para mudar, transformar e transcender essas barreiras.

Além disso, London (1991) problematiza que o papel de mãe-filha-irmã representa as estruturas da autoridade patriarcal’ e como Judith Butler (2008) sugere tais representações tendem a reforçar a estrutura binária heterossexual, ao contrário do que propõe o projeto de androgínia de Virginia Woolf.

Em relação à linguagem de Woolf, London sugere que se as intervenções feministas nos Estudos Woolfianos nos ensinam ler uma “revolução na linguagem” como uma realização fundamental. Mas, podemos entender essa premissa de uma forma diferente, Jane Marcus propaga um tipo de estética feminina. Já Kristeva, citada pela autora, compreende este tipo de estética como não-existente, ou como impossibilidades lógicas dentro de estruturas que definem a mulher culturalmente. Nesse sentido, o feminismo francês para London (1991), bem como para muitas outras teóricas, acaba por reduzir a problemática da crítica literária feminista a uma voz e linguagem feminina.

Em uma discussão recente sobre o *status* de Woolf, como uma figura exemplar para a crítica feminista contemporânea, Rachel Bowlby (1992), de modo bastante perspicaz, observa a apropriação à figura de Woolf, de forma amplamente diferente, e mesmo de uma posição contraditória à feminista. Ela resolve estas contradições ao encontrar em Woolf uma representativa do *spectrum* das possibilidades feministas. Para ela, essa posição e representação da multiplicidade – a recusa em ser emoldurada em qualquer resposta conclusiva às “questões generalizantes sobre a mulher” – torna-se o aspecto definidor da obra de Woolf. Nesse caso, o feminismo de Woolf constitui-se pela sua exata disponibilidade e representação à diferença feminista.

---

<sup>8</sup> “irmã de todas nós”. (Tradução minha)

## Considerações Finais

Precisamos estar conscientes da nossa apropriação de Virginia Woolf, do modo como nós a buscamos e às vezes forçamos práticas críticas que parecem estar desconectadas de Woolf, como autoridade pré-estabelecida. London (1991) sugere que ao destacarmos o projeto feminista de Woolf da sua prática e exemplos, estaríamos abrindo possibilidades para a produção de novos ensaios feministas sobre Virginia Woolf, assim como novos ensaios que abririam novas trilhas e novos rumos sobre a crítica feminista. Precisamos, segundo London (1991), ouvirmos nossas próprias vozes, como algo real, pois talvez seja isso, precisamente, o que é mais difícil de reconhecer: o que está sujeito à manipulação e apropriação pelo feminismo em si. Ou seja, de que modo, o feminismo tem sido manipulado pela indústria cultural, de que forma ele tem sido apropriado por diversas vozes contraditórias ao que busca o movimento, de que modo nossas vozes ainda são abafadas por todas as necessidades criadas pela mídia?

A crítica feminista tem relido *Three Guineas* sob diferentes perspectivas, ressaltando as estratégias feministas do texto, observando a relação com o movimento feminista da época, estabelecendo as relações entre as notas finais e o contexto político e social em que foi escrito, analisando as diferentes vozes presentes no texto, examinando a questão da autoridade e controle do tom do ensaio, etc. Com isso, nota-se que o texto muda, à medida que o leitor muda. E o leitor, assim como a crítica feminista, não é uma instância rígida, isolada e estanque, mas está em constante processo de construção e em consonância com as demandas e exigências de um mundo também em constante processo de transformação.

Por um lado, o texto de Woolf tem sido recuperado pela crítica feminista. E, tal crítica leva em conta o contexto histórico e cultural em que foi produzido, o espaço e os agentes neles envolvidos. Isto é, o texto foi escrito em um momento delicado que prevê os horrores de uma segunda guerra mundial. A visão de Woolf não se limita a seu próprio país, mas ela aborda a situação política internacional. A princípio ela fala a partir de sua posição enquanto mulher e intelectual que poderia influenciar a opinião pública em geral, ao final de seu texto ela fala em nome de todos os indivíduos.

Por outro lado, há muitos ainda que não conseguem compreender a relevância de seus argumentos, não os entendem ou não querem entender. O fato é que as hierarquias ainda prevalecem, vivemos num mundo cercado pela ameaça de uma terceira guerra ou várias guerras localizadas, diárias, marcadas pela pobreza, intolerância, machismo, racismo e, ainda, pela opressão das minorias religiosas ou de orientação sexual.

Ao evitar a soberania autorial, o texto de Woolf não oferece respostas, mas levanta uma série de questionamentos, leva o leitor a refletir sobre seu próprio processo histórico, sendo ele fruto de um processo político e social e nos força a pensar que nossas posições determinam uma série de reações. Apesar das contradições e idiosincrasias do discurso woolfiano, seu pacifismo continua hoje como uma estratégia política de extrema eficácia.

*Three Guineas* pode ser compreendido hoje como um modelo de mobilização feminina (e também masculina), com o intuito de desestruturar as hierarquias que governam e deformam nossas próprias vidas. Enquanto experiência discursiva e política, *Three Guineas* pode ser entendido como um modelo inspirador para as *Mães da Praça de Maio*, por exemplo, pois essas usam o discurso que as oprimiam por muito tempo como base para sua própria ação política.

É claro que os discursos dominantes da sociedade patriarcal, sejam eles políticos, críticos ou psicológicos, são construídos como sendo verdade absoluta e condenam, sobretudo, a ira do discurso feminista, como se ele fosse contraditório a tal verdade, fazendo-o parecer irracional, ilógico e inconsequente. Por isso, *Three Guineas* deve continuar a ser lido com toda sua ira, força e seu tom passional e nosso papel enquanto leitores é dotá-lo do seu poder autorial como forma de expressão no debate político das esferas públicas e privadas.

Contudo, não podemos prometer que as três moedas de Virginia Woolf foram de fato bem utilizadas. Hoje, com um pouco mais de educação e inserção no mercado de trabalho, ainda não podemos evitar o militarismo nas instituições públicas e privadas, já que este se tornou uma empresa extremamente lucrativa que destrói e constrói nações rapidamente em nome de uma democracia que ainda soa tão irracional, quanto a irracionalidade ilustrada por Picasso em *Guernica*, ao retratar a Guerra Civil Espanhola, a que se refere Woolf em seu ensaio. Portanto, devemos ler e reler *Three Guineas* para que a voz de Woolf ecoe em nossos ouvidos. É verdade, no entanto, que há homens e mulheres pacíficos e há homens e mulheres a favor da indústria bélica, por isso a terceira moeda de Woolf deve ser valorizada em nome da paz, da justiça e da igualdade de todos os indivíduos.

### THREE GUINEAS AND THE FEMINIST LITERARY CRITICISM: REVISION AND REREADING

**Abstract:** This paper aims to analyze Virginia Woolf's essay *Three Guineas* from a feminist literary criticism perspective in order to understand how the meaning of Virginia Woolf's text has been reconstructed in the last decades. It will be investigated how the current feminist literary criticism has revisited and reread her works and as Woolf herself has been reinvented by such criticism. In order to do so, the theoretical framework will concentrate on authors such as Naomi Black, Barbara Hill Rigney, Krista Ratcliffe, Teresa Winterhalter among others.

**Keywords:** Virginia Woolf; *Three Guineas*; Crítica literária feminista; Revision.

## REFERÊNCIAS

BELL, Quentin. *Virginia Woolf: A Biography*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

BLACK, Naomi. *Virginia Woolf as a Feminist*. London: Cornell U P, 2004.

BOWLBY, R. Walking, Women and Writing: Virginia Woolf as *flâneuse*. In: Isobel Armstrong, ed. *New Feminist Discourses: Critical Essays on Theories and Texts*. London: Routledge, 1992.

DESALVO, L. *Virginia Woolf: The Impact of Childhood Sexual Abuse on Her Life and Work*. Boston: Beacon, 1989.

GUBAR, S.; GILBERT, S. *The madwoman in the attic: The Woman Writer in the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. *The War of Words. Vol.1 of No Man's Land: The Place of the Woman Writer in the Twentieth Century*. New Haven: Yale University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. *Sexchanges. Vol.2 No Man's Land: The Place of the Woman Writer in the Twentieth Century*. New Haven: Yale University Press, 1989.

HEILBRUN, Carolyn Gold. *Toward a Recognition of Androgyny*. New York: W.W. Norton&Company, 1993.

HUSSEY, Mark. *Virginia Woolf: A to Z*. New York: Oxford University Press, 1996.

LEE, Hermione. "The Novels of the 1930's and the Impact of History." In: *The Cambridge Companion to Virginia Woolf*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LONDON, B. Guerrilla in Petticoats or Sans-Culotte? Virginia Woolf and the Future of Feminist Criticism. *Diacritics*. Vol. 21, No. 2/3. 1991. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em 18 Mar 2011

MARCUS, Jane. *Art and anger*. Ohio: Ohio University Press, 1988.

MARDER, Hebert. Virginia Woolf's Conversion: *Three Guineas, Pointz Hall and Between the Acts*. *Journal of Modern Literature*. Vol. 14. No. 4.1988, pp. 465-480. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em 19 Março 2011

MOERS, E. *Literary Women: The Great Writers*. New York: Doubleday, 1976.

MOI, T. *Teoria Literaria Feminista*. Madrid: Catedra, 2006.

RATCLIFFE, Krista. A Rhetoric of Textual Feminism: (Re)Reading the Emotional in Virginia Woolf's *Three Guineas*. *Rhetoric Review*. Vol. 11, No. 2. 1993, pp. 400-417. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em 19 Março 2011.

RICH, Adrienne. When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision. *College English*. Vol. 34, No. 1. 1972, pp. 18-30. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em 04 Fevereiro 2012

RIGNEY, Barbara Hill. *Madness and Sexual Politics in The Feminist Novel. Studies in Brontë, Woolf, Lessing and Atwood*. Madison: The Univerity of Wisconsin P, 1978.

SILVER, Brenda. *Virginia Woolf's Reading Books*. New Jersey: Princeton U P, 1983.

SHOWALTER, E. *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing*. New Jersey: Princeton University, 1977.

WINTERHALTER, Teresa. "What Else Can I Do but Write?" Discursive Disruption and the Ethics of Style in Virginia Woolf's *Three Guineas*. *Hypatia*. Vol. 18. No. 4. 2003. pp.236-257. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em 20 Março 2011

WOOLF, Virginia. *A room of one's own and Three Guineas*. Introd. Michele Barrett. London: Penguin Books, 1993.

ZWERDLING, Alex. Anger and Conciliation in Woolf's Feminism. *Representations*, No. 3, 1983. Disponível em <http://www.jstor.org>. Acesso em 12 Abril 2011.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 01/03/2012 E APROVADO EM 26/03/2012.